

34 Criação & Crítica

LEITURAS EM DISPUTA NA CONTEMPORANEIDADE: PÓS-CRÍTICA COMO ANTI-CRÍTICA E FUNÇÃO DA CRÍTICA HOJE

Fabiana de Lacerda Vilaço¹

RESUMO: O propósito deste artigo é apresentar uma discussão em torno de três textos representativos de posicionamentos influentes no estado atual da crítica no campo dos estudos literários: “Surface Reading” (2009), de Stephen Best e Sharon Marcus; “Context stinks!” (2011), de Rita Felski; e “Paranoid reading and reparative reading, or you’re so paranoid, you probably think this essay is about you” (2003), de Eve Kosofsky Sedgwick. Os ensaios discutidos tiveram repercussão assumindo posição contrária em relação a depth models (modelos de profundidade) de análise literária, para usar um termo de Fredric Jameson (1991); em outras palavras, tais ensaios defendem formas de ler a obra que, cada uma a seu modo, recusam o exercício de interpretação literária que, segundo eles, procure o significado da obra em uma leitura mais aprofundada. Pelo modo como se posicionam e pelos argumentos que articulam, tais textos serão considerados aqui como representativos de uma postura anti-crítica. O debate partirá de uma leitura cerrada de alguns de seus argumentos e procurará mapear a postura teórica que eles propõem.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos literários contemporâneos; Crítica; Pós-crítica; Anti-crítica.

READINGS IN DISPUTE IN CONTEMPORARY TIMES: POST-CRITICISM AS ANTI-CRITICISM AND THE FUNCTION OF CRITICISM TODAY

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss three texts representing influential positions in the current state of criticism in the field of literary studies: “Surface Reading” (2009), by Stephen Best and Sharon Marcus; “Context stinks!” (2011) by Rita Felski; and “Paranoid reading and reparative reading, or you’re so paranoid, you probably think this essay is about you” (2003), by Eve Kosofsky Sedgwick. The essays had repercussions by taking a contrary position in relation to depth models of literary analysis, to use Fredric Jameson’s term (1991); in other words, these essays defend ways of reading the work that, each in its own way, refuse the exercise of literary interpretation that, according to them, seeks the meaning of the work in a deeper reading. Due to their positionings and the arguments they articulate, such texts will be considered here as representative of an anti-critical stance. The debate will start from a close reading of some of their arguments and will seek to map the theoretical position they propose.

KEYWORDS: Contemporary literary studies; Criticism; Post-criticism; Anti-criticism.

¹ Doutoranda pelo Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da FFLCH-USP com previsão de conclusão em janeiro de 2017. (fabianavilaco@usp.br)

34 Criação & Crítica

Introdução

Este artigo apresenta uma discussão em torno de três textos representativos de posturas críticas influentes no estado atual da crítica no campo dos estudos literários. Parte de uma investigação mais ampla realizada em pesquisa de pós-doutorado, o estudo aqui apresentado enfoca ensaios que têm tido repercussão assumindo posição contrária em relação a *depth models* (modelos de profundidade) de análise literária, para usar o termo de Fredric Jameson (1997) em “A lógica cultural do capitalismo tardio”. No ensaio, cuja primeira publicação é de 1985, Jameson apresenta modelos hermenêuticos que, segundo ele, têm sido recusados pelas teorias críticas pós-modernas:

Podemos mencionar muito rapidamente que, além do modelo hermenêutico do fora e do dentro que o quadro de Munch implementa, pelo menos outros quatro modelos fundamentais da profundidade têm sido, de modo geral, repudiados pela teoria contemporânea: 1) o dialético, da essência e da aparência, bem como toda a gama de conceitos correlatos de ideologia ou de falsa consciência; 2) o modelo freudiano do latente e do manifesto, ou da repressão (que, por certo, é o alvo do panfleto programático, e sintomático, de Michel Foucault, *La volenté de Savoir* (História da sexualidade); 3) o modelo existencialista da autenticidade e da inautenticidade, cuja temática heroica ou trágica está intimamente ligada àquela outra grande oposição entre alienação e desalienação, outra das vítimas do período pós-estruturalista ou pós-moderno; e 4) mais recentemente, a grande oposição semiótica entre significante e significado, que foi rapidamente deslindada e desconstruída durante seus dias de glória nos anos 60 e 70. O que substitui esses diversos modelos da profundidade é, de modo geral, uma concepção de práticas, discursos e jogos textuais, cujas estruturas sintagmáticas vamos examinar adiante; basta, por agora, ressaltar que também aqui a profundidade é substituída pela superfície, ou por superfícies múltiplas (o que se denomina frequentemente de intertextualidade não é mais, nesse sentido, uma questão de profundidade) (JAMESON, 1997, p. 40).

Podemos afirmar que os ensaios que serão enfocados neste artigo defendem formas de ler a obra que, cada uma a seu modo, recusam o exercício de interpretação literária que se identifique com qualquer um desses modelos de profundidade mencionados por Jameson. É pela forma como se posicionam e pelos argumentos que articulam que, mais do que representantes do momento da pós-crítica, tais textos serão considerados aqui como representativos de uma postura anti-crítica. O debate partirá de uma leitura cerrada de alguns de seus argumentos e procurará mapear a postura teórica que eles propõem. Os textos que serão objeto deste estudo são: “Surface Reading” (“Leitura de superfície”), de Stephen Best e Sharon Marcus (2009); “Context stinks!” (“Contexto fedel!”), de Rita Felski (2011); e “Paranoid reading and

34 Criação & Crítica

reparative reading, or you're so paranoid, you probably think this essay is about you" ("Leitura paranoica e leitura reparadora, ou você é tão paranoico que provavelmente pensa que este ensaio é sobre você"), de Eve Kosofsky Sedgwick (2003), que é um capítulo de seu livro mais conhecido, *Touching Feeling: Affect, Pedagogy, Performativity*.

Cada um dos três objetos de discussão denomina os depth models alvos de sua crítica de uma maneira diferente: respectivamente, cada texto os denomina "leitura sintomática", "hermenêutica da suspeição" e "leitura paranoica". Enquanto apontam seus questionamentos, os estudiosos apresentam suas próprias propostas de modos interpretativos, os quais nomeiam, respectivamente: "leitura de superfície", "teoria ator-rede" (defendida por Felski a partir da teoria de Bruno Latour) e "leitura reparativa".

Propostas como essas não surgiram apenas recentemente. Debates sobre a relevância ou até mesmo sobre a necessidade da análise literária podem ser observados desde os anos 60. Um dos primeiros e mais influentes posicionamentos nesta questão pode ser visto no texto de Susan Sontag, "Contra a interpretação", que veio a público em 1966 e é até hoje uma importante referência para muitos estudiosos de linhas críticas pós-modernas. Em síntese, Sontag defende que, embora em alguns momentos históricos a interpretação possa ser um ato liberador, em sua época tal exercício é reacionário e impertinente. Em tal contexto, interpretar é alterar e empobrecer a obra, e a efusão de interpretações das obras envenena nossas sensibilidades — portanto, não contribui para uma relação efetiva com a arte. A interpretação, para a estudiosa, é uma vingança do intelecto sobre a arte e o mundo. Diante disso, segundo ela, é preciso maior atenção às formas e o emprego de um vocabulário mais descritivo do que prescritivo, em estudos que "fornecessem uma descrição realmente precisa, arguta e amorosa sobre o surgimento de uma obra de arte" (SONTAG, 2020, p. 23)². Sontag acredita que interpretar a obra literária já foi necessário, por exemplo, nos tempos Dante — a referência ao nome do autor italiano do século XIII e XIV dá ideia de quão antiquada ela considera ser a atividade de interpretar. Hoje, ao contrário, ela acredita que a interpretação só reforça o princípio da redundância, que é a principal aflição da vida moderna.

Os ensaios que comentaremos mais profundamente aqui oferecem novas formas de aproximar-se do problema da interpretação em sentido por vezes semelhante ao de Susan Sontag. Apresentam diferentes formulações para o questionamento sobre o que é a interpretação literária e sobre qual sua função — ou até mesmo sua necessidade. Nesse exercício, evidenciam contra qual tipo de leitura

² As palavras empregadas no original em inglês são "a really accurate, sharp, loving description of the appearance of a work of art" (grifo meu). A palavra "appearance" não parece ter o sentido correto (aparência ou aparecimento) facilmente esclarecido pelo contexto.

34 Criação & Crítica

se levantam, e apresentam suas propostas, as quais vamos tentar analisar mais de perto.

Leitura de superfície

O ensaio “Surface reading” de Sharon Marcus e Stephen Best foi publicado como introdução ao número 108.1 da revista *Representations* intitulada “The Way We Read Now”, de 2009³. Tal número da revista é resultado de uma conferência que ocorreu em 2008 na Universidade de Columbia com esse mesmo título — por sua vez derivada de um seminário da ACLA (American Comparative Literature Association) de 2006 cujo objetivo era comemorar os 25 anos de publicação do livro *Political Unconscious*, de Fredric Jameson. Por ocasião desses debates, houve diversos seminários discutindo os modelos hermenêuticos em voga na academia estadunidense, cujas temáticas incluíam buscas por dar respostas à prática crítica de Jameson, especialmente tal como ela é postulada em *Political Unconscious*. É importante conhecer esse contexto para compreender em qual debate Marcus e Best intervêm por meio de seu texto, o qual é citado em diversos outros estudos recentes discutindo modos de ler e de fazer crítica literária.

Na medida em que lemos o ensaio, fica gradualmente mais evidente que as leituras de superfície que ele propõe parecem jogar contra o próprio exercício dos estudos literários e, de quebra, contra o estudioso de literatura. Além disso, a argumentação dos autores em favor da leitura de superfície é reiteradamente centrada na tese de que ela teria um potencial de conferir maior liberdade para quem lê. Ao longo da leitura, contudo, é muito difícil não nos perguntarmos uma série de dúvidas: de que liberdade estão falando? Liberdade com relação a que? Quem seria esse leitor livre? Livre de que? A depender do que se leva em consideração para responder a tais questionamentos, a conclusão talvez seja a de que nenhum leitor seja efetivamente livre, nem mesmo o leitor de superfície, em alguma medida. Nem o escritor, nem o crítico. Ou seja: o conceito de liberdade, aparentemente tão central na argumentação do ensaio, é dado como garantido, como pressuposto, e não é construído ou problematizado na discussão. Assim, seu uso no discurso da defesa da leitura de superfície reifica e essencializa, em um único gesto, a literatura, a leitura, a crítica, quem escreve, quem lê, e o contexto em que tudo isso se dá.

O ensaio começa afirmando a centralidade, na academia, do que os autores vão chamar de leitura sintomática, assim descrita nas palavras de Best e Marcus,

Um fator que permitiu o intercâmbio entre as disciplinas nas décadas de 1970 e 1980 foi a aceitação da psicanálise e do marxismo como

³ Disponível em: <https://rep.ucpress.edu/content/108/1>

34 Criação & Crítica

metalinguagens. Não era qualquer ideia de interpretação que circulava entre as disciplinas, mas um tipo específico que tomava o significado como escondido, reprimido, profundo e necessitado de detecção e revelação por um intérprete. Essa “forma” de interpretar recebeu o nome de “leitura sintomática”. Fomos treinados na leitura sintomática, nos apegamos ao poder que ela dava ao ato de interpretar e achamos difícil abandonar a crença de que os textos e seus leitores têm um inconsciente (BEST; MARCUS, 2009, p. 1, tradução nossa)⁴.

Assim, vemos que o ensaio parte da definição do tipo de leitura que será questionado na sequência: a “leitura sintomática” se caracterizaria pela aceitação do marxismo e da psicanálise como metalinguagens — o que remete à teoria de Lyotard, em seu *Condição Pós-moderna*, no qual ele decreta justamente a morte desses *grands récits*. Em seguida, o texto parte para um comentário sobre os problemas da leitura sintomática:

Na última década, mais ou menos, fomos atraídos por modos de leitura que atendem às superfícies dos textos em vez de sondar suas profundezas. Talvez seja porque, no final da primeira década do século XXI, muita coisa parece estar na superfície. “Se tudo fosse transparente, então nenhuma ideologia seria possível, e nenhuma dominação também”, escreveu Fredric Jameson em 1981, explicando por que a interpretação nunca poderia operar na suposição de que “o texto significa exatamente o que diz”. A suposição de que a dominação só pode fazer seu trabalho quando velada, que pode ter soado quase paranoica, agora tem um toque nostálgico e até utópico. [...] Oito anos do regime Bush podem ter martelado o ponto de que nem todas as situações exigem a sutil ingenuidade associada à leitura sintomática, e também podem ter nos inspirado a imaginar que, ao lado do fascismo nascente, pode haver melhores maneiras de pensar e estar simplesmente ali para ser tomado, tanto no passado quanto no presente. Encontramo-nos herdeiros de Michel Foucault, céticos quanto à própria possibilidade de liberdade radical e duvidosos que a literatura ou sua crítica possam explicar nossa opressão ou fornecer as chaves para nossa libertação. Onde se tornou comum para os estudiosos da literatura equiparar seu trabalho ao ativismo político, os desastres e triunfos da última década mostraram que a crítica literária por si só não é suficiente para efetuar mudanças. Isso, por sua vez, levanta a questão de por que a crítica literária importa se não é ativismo político com outro nome, uma questão à qual voltamos na

⁴ No original: “One factor enabling exchanges between disciplines in the 1970s and 1980s was the acceptance of psychoanalysis and Marxism as metalanguages. It was not just any idea of interpretation that circulated among the disciplines, but a specific type that took meaning to be hidden, repressed, deep, and in need of detection and disclosure by an interpreter. This “way” of interpreting went by the name of “symptomatic reading.” We were trained in symptomatic reading, became attached to the power it gave to the act of interpreting, and find it hard to let go of the belief that texts and their readers have an unconscious.”

34 Criação & Crítica

última seção deste ensaio (BEST; MARCUS, 2009, p. 1-2, tradução nossa)⁵.

Para os autores, a tortura em Abu Ghraib, a demora e a falha em socorrer os atingidos pelo furacão Katrina — em Nova Orleans, com maioria de negros e pobres entre suas vítimas — seriam evidências de que hoje tudo é transparente. Portanto, não há mais ideologia, e a leitura sintomática — segundo eles praticada desde Platão e por pensadores de tão amplo espectro crítico quanto Jameson, passando pelos gnósticos da Antiguidade, por Marx, Freud, Althusser, Derrida, Sedgwick, Toni Morrison, entre outros — não encontra mais respaldo. Contudo, uma leitura atenta do trecho citado nos permite ver que onde são apresentadas as teses mais importantes desse parágrafo — apresentadas como verdades, não como hipóteses — são exatamente referências a coisas que:

- ou não são o ponto (por que o ceticismo, ou sequer a crença, de que a literatura ou a crítica podem oferecer as chaves para nossa libertação da opressão?);
- ou são generalizações enganosas (por que os dois eventos da história recente citados são provas suficientes de que nada mais se esconde hoje, de que o sistema hoje opera de modo descortinado e que a ideologia não existe mais?);
- ou atacam teses que jamais foram afirmadas por ninguém em sua consciência (pelo menos não por Jameson, precisamente o homenageado no evento que disparou a produção do ensaio e que parece ser seu principal alvo), como por exemplo que o exercício de crítica seja ativismo político chamado por outro nome.

Tais pontos evidenciam que o texto se baseia em pressupostos bem frágeis, para não dizer em falácias.

⁵ No original: "In the last decade or so, we have been drawn to modes of reading that attend to the surfaces of texts rather than plumb their depths. Perhaps this is because, at the end of the first decade of the twenty-first century, so much seems to be on the surface. "If everything were transparent, then no ideology would be possible, and no domination either," wrote Fredric Jameson in 1981, explaining why interpretation could never operate on the assumption that "the text means just what it says." The assumption that domination can only do its work when veiled, which may once have sounded almost paranoid, now has a nostalgic, even utopian ring to it. [...] Eight years of the Bush regime may have hammered home the point that not all situations require the subtle ingenuity associated with symptomatic reading, and they may also have inspired us to imagine that alongside nascent fascism there might be better ways of thinking and being simply there for the taking, in both the past and the present. We find ourselves the heirs of Michel Foucault, skeptical about the very possibility of radical freedom and dubious that literature or its criticism can explain our oppression or provide the keys to our liberation. Where it had become common for literary scholars to equate their work with political activism, the disasters and triumphs of the last decade have shown that literary criticism alone is not sufficient to effect change. This in turn raises the question of why literary criticism matters if it is not political activism by another name, a question to which we return in the last section of this essay."

34 Criação & Crítica

Tendo declarado a morte da ideologia, já que hoje em dia nada mais está escondido, os autores associam a persistência da leitura sintomática na academia estadunidense pelo simples fato de que ela legitima a existência da profissão do crítico literário. Segundo eles,

A imagem de Jameson do crítico como arrancando sentido de um texto resistente ou inserindo-o em um sem vida teve enorme influência nos Estados Unidos, talvez porque apresentasse a crítica literária profissional como um esforço árduo e heroico, mais próximo do ativismo e do trabalho do que de lazer e, portanto, plenamente merecedor de remuneração (BEST; MARCUS, 2009, p. 5-6)⁶.

Em “A ascensão do inglês”, Terry Eagleton (2016) comenta que a delimitação da disciplina English (literatura inglesa) dependeu, em parte, de uma afirmação dessa disciplina como ciência — daí a definição de métodos de análise literária, rigorosos, que permitissem a definição de padrões de qualidade e canonização de algumas obras e autores, assim desmistificando o trabalho de interpretação. Alguns nomes importantes nesse processo, segundo Eagleton, foram o de Matthew Arnold, F. R. Leavis e I. A. Richards. Outros pensadores se seguiram, trazendo novas reflexões e questionamentos inclusive de conceitos caros nessa primeira fase da disciplina, tal como o de cânone.

Como era de se esperar, Best e Marcus fazem também sua própria defesa de um método de leitura que ofereceria uma saída às armadilhas da leitura sintomática: a leitura de superfície. Conceitualizando o que assumem como superfície, eles afirmam:

tomamos superfície para significar o que é evidente, perceptível, apreensível nos textos; o que não está nem escondido nem escondido; o que, no sentido geométrico, tem comprimento e largura, mas não espessura e, portanto, não cobre profundidade. Uma superfície é o que insiste em ser olhado e não o que devemos nos treinar para ver através (BEST; MARCUS, 2009, p. 9, tradução nossa)⁷.

Considerando isso, eles partem para definir diferentes tipos de leitura de superfície e como eles funcionariam. Em sua discussão, é gritante a forma como todas as abordagens sugeridas se constituem como um testemunho contra os estudos

⁶ No original: “Jameson’s image of the critic as wresting meaning from a resisting text or inserting it into a lifeless one had enormous influence in the United States, perhaps because it presented professional literary criticism as a strenuous and heroic endeavor, one more akin to activism and labor than to leisure, and therefore fully deserving of remuneration.”

⁷ No original: “we take surface to mean what is evident, perceptible, apprehensible in texts; what is neither hidden nor hiding; what, in the geometrical sense, has length and breadth but no thickness, and therefore covers no depth. A surface is what insists on being looked at rather than what we must train ourselves to see through.”

34 Criação & Crítica

literários, operando uma argumentação que se embasa em ideias que podem ser tomadas como verdadeiras, mas que não levam necessariamente às consequências afirmadas. Tomemos como exemplo o que os autores afirmam sobre a abordagem “superfície como significado literal”. É perfeitamente possível concordar com a definição dada, de que a obra basicamente quer dizer aquilo que ela diz em termos literais. O exemplo dado, o de que a amizade feminina em narrativas seja sempre interpretada como indicação de desejo entre mulheres, realmente parece um equívoco. Podemos facilmente concordar que uma amizade, às vezes, é só uma amizade. No entanto, esse exemplo não serve para generalizar que tudo o que uma obra diz em seu nível literal é exatamente o que ela significa, nem que isso se aplicaria a todas as outras obras literárias — ou seja, essa hipótese não é suficiente para sustentar que a leitura literal seja a chave para entender todas as outras obras literárias.

Desse modo, esse movimento de “apenas ler” se opõe a tudo que possa parecer com estudo de literatura. Ele pode ser legítimo para sustentar a opção de ler por fruição, por exemplo. Mas, exceto por isso, tal procedimento é matar o estudo — e junto, o estudioso — de literatura.

O outro exemplo dado no texto é mais incongruente ainda: a coletânea de cartas escritas por pessoas escravizadas no Caribe pode perfeitamente ser objeto de uma leitura de superfície, afinal o rico relato da experiência que compartilham deve frequentemente recorrer a descrições e detalhes desconhecidos do público leitor mesmo em seu nível literal — é importante dizer que uma leitura mais aprofundada do texto poderia revelar ainda mais de seu sentido e de sua importância literária e histórica. Contudo, mais uma vez, a existência de um livro como este não serve para afirmarmos sobre todos os outros que a leitura literal seria suficiente para dar conta de seu conteúdo. A leitura de superfície é apresentada como uma forma de panaceia, como se não houvesse textos escritos que se beneficiariam, ou mesmo exigiriam, leitura mais aprofundada. Ela se baseia na avaliação de que todos os tipos de texto são iguais quanto a suas demandas interpretativas; em alguns, a leitura de superfície pode ser um útil momento da crítica, mas nem sempre será suficiente.

Best e Marcus passam a uma argumentação em defesa de sua proposta de leitura de superfície. Fazem-se a interessante pergunta: “Se a crítica não é a escavação de verdades ocultas, o que ela pode acrescentar à nossa experiência dos textos? A leitura superficial pode ser outra coisa senão um endosso tácito do status quo, a versão acadêmica do último mantra da resignação, ‘É o que é?’” (BEST; MARCUS, 2009, p. 13, tradução nossa)⁸. A partir daí, eles retomam o termo liberdade,

⁸ No original: “If criticism is not the excavation of hidden truths, what can it add to our experience of texts? Can surface reading be anything other than a tacit endorsement of the status quo, the academic version of resignation’s latest mantra, ‘It is what it is’?”

34 Criação & Crítica

tão crucial em seu argumento, e montam sua defesa da liberdade do crítico como objetivo de seu método de leitura:

A leitura superficial, que se esforça para descrever textos com precisão, pode ser facilmente descartada como politicamente quietista, muito disposta a aceitar as coisas como elas são. Queremos resgatar dessa tradição a ênfase na imersão nos textos (sem paranoia ou suspeita sobre seu mérito ou valor), pois entendemos essa atenção à obra de arte como uma espécie de liberdade. [...] Para alguns, isso pode soar como um desejo de estar livre de uma agenda política que determina antecipadamente como interpretamos os textos, e em alguns aspectos é exatamente isso. Pensamos, no entanto, que uma verdadeira abertura a todas as potencialidades disponibilizadas pelos textos é também pré-requisito para uma atenção que não os reduza a meios instrumentais para um fim e é a melhor maneira de dizer algo preciso e verdadeiro sobre eles. A crítica que valoriza a liberdade do crítico tem muitas vezes assumido que uma relação contraditória com o objeto da crítica é a única maneira de o crítico se libertar da superfície enganosa e ideológica do texto e descobrir a verdade que o texto esconde. Queremos sugerir que, ao renunciar ao sonho de liberdade que acompanha o trabalho de desmistificação, podemos estar tateando em direção a alguns estados de espírito igualmente valiosos, embora menos glamourosos (BEST; MARCUS, 2009, p. 16-17, tradução nossa)⁹.

Este excerto aparece em um momento do argumento em que os autores opõem o Novo Formalismo ao Inconsciente Político de Jameson. Nessa discussão, o ensaio elogia a defesa dos formalistas por um mergulho na obra, em sua complexidade composicional, a hipótese de que ela já contém em si sua agência crítica. E critica o corolário “Sempre historicize!” de Jameson como um imperativo divino (recuperar a história humana como uma só seria um imperativo que Santo Agostinho atribuiu apenas a Deus, segundo os autores). Sua busca é por liberdade, mas liberdade de que, para que, para quem, por que, e o que isso tem a ver com ler literatura? Usar esse conceito no discurso da defesa da surface reading, que é o

⁹ No original: “Surface reading, which strives to describe texts accurately, might easily be dismissed as politically quietist, too willing to accept things as they are. We want to reclaim from this tradition the accent on immersion in texts (without paranoia or suspicion about their merit or value), for we understand that attentiveness to the artwork as itself a kind of freedom. [...] To some ears this might sound like a desire to be free from having a political agenda that determines in advance how we interpret texts, and in some respects it is exactly that. We think, however, that a true openness to all the potentials made available by texts is also prerequisite to an attentiveness that does not reduce them to instrumental means to an end and is the best way to say anything accurate and true about them. Criticism that valorizes the freedom of the critic has often assumed that an adversarial relation to the object of criticism is the only way for the critic to free himself from the text’s deceptive, ideological surface and uncover the truth that the text conceals. We want to suggest that, in relinquishing the freedom dream that accompanies the work of demystification, we might be groping toward some equally valuable, if less glamorous, states of mind.”

34 Criação & Crítica

objetivo desta seção do artigo, só revela como ela não revela nada a não ser o que já é ideologia e status quo.

No trabalho de realizar a leitura de superfície, os autores consideram os computadores como uma ferramenta essencial:

Onde o texto heroico suscita admiração por suas características únicas, os computadores podem nos ajudar a encontrar características que os textos têm em comum de maneiras que nossos cérebros sozinhos não conseguem. Os computadores são intérpretes fracos, mas potentes descritores, anatomizadores, taxonomistas. As novas mídias criam novas formas de conhecimento, e os modos digitais de leitura podem ser a inspiração para a esperança de que pudéssemos contornar a seletividade e a energia avaliativa que têm sido consideradas as marcas da boa crítica, para atingir o que quase se tornou tabu na literatura estudos: objetividade, validade, verdade. Isso pode levantar o alarme de que estamos destruindo as razões existentes para estudar as humanidades: o pensamento crítico, a singularidade da arte e da cultura e as maneiras distintamente correspondentes que as disciplinas humanistas as estudam. Mas sugerir que pode haver maneiras de estudar a cultura que não a ataquem nem a defendam não é sugerir que abandonemos completamente o estudo da cultura. É propor que, em vez de avaliar a cultura como obras-primas de gênio ou documentos de barbárie, definamos o que é único nas disciplinas que estudam a cultura como seu interesse por artefatos humanos, em contraste com as ciências, que se concentram em processos além de nossa criação e controle. Adotar alguns dos métodos da ciência para o estudo da cultura não significa dizer que os cientistas seriam os melhores estudantes dela, pois os cientistas não apenas têm pouco interesse em estudar objetos culturais, mas também carecem de treinamento em como estudá-los qualitativamente. Não estamos imaginando um mundo em que os computadores substituem os críticos literários, mas estamos curiosos sobre um mundo em que trabalhamos com eles para expandir o que fazemos (BEST; MARCUS, 2009, p. 17, tradução nossa)¹⁰.

¹⁰ No original: "Where the heroic text commands admiration of its unique features, computers can help us to find features that texts have in common in ways that our brains alone cannot. Computers are weak interpreters but potent describers, anatomizers, taxonomists. New media create new forms of knowledge, and digital modes of reading may be the inspiration for the hope that we could bypass the selectivity and evaluative energy that have been considered the hallmarks of good criticism, in order to attain what has almost become taboo in literary studies: objectivity, validity, truth. This might raise alarm that we are destroying existing rationales for studying the humanities: critical thinking, the uniqueness of art and culture, and the correspondingly distinctive ways that humanist disciplines study them. But to suggest that there might be ways of studying culture that would neither attack nor defend it is not to suggest that we abandon the study of culture altogether. It is to propose that rather than evaluate culture as masterworks of genius or documents of barbarism, we instead define what is unique about the disciplines that study culture as their interest in human artifacts, in contrast to the sciences, which focus on processes beyond our creation and control. To adopt some of the methods of science to the study of culture is not to say that scientists would be the better students of it, for scientists not only have little interest in studying cultural objects but also lack training in how to study them qualitatively. We are not

34 Criação & Crítica

Essa defesa dos modos digitais de leitura, ou do uso dos computadores para apoiar a leitura do crítico, aparece também em estudos de Bruno Latour (2012), e é fundamental para compreender a expulsão da instância crítica do horizonte dos estudos literários. Trata-se de atribuir para os computadores um trabalho intelectual de forma a transformá-lo também em um trabalho de máquina. Remete, portanto, a um tipo de superficialidade a que Jameson se refere em “A lógica do capitalismo tardio”.

Em favor de seu conceito de superfície, os autores reiteram que ela não implica necessariamente neutralidade no exercício da crítica:

Em vez de recorrer à literatura em busca de modelos de como superar constrangimentos, ou de uma maneira correta de viver sob o capital, ou registrar a diferença entre nossa liberdade crítica e os limites impostos aos outros, estamos interessados em como registrar as formas que os constrangimentos estruturam a existência tanto quanto em se libertar deles. A neutralidade da descrição não é, portanto, a neutralidade sobre os próprios constrangimentos, que podemos nos sentir levados a deplorar, mas a neutralidade sobre as existências entrelaçadas a eles, que gostaríamos de poder reconhecer sem julgar. Assim como muitos descartam a leitura superficial como óbvia, mas se veem incapazes de sustentar o ritmo lento, a receptividade e a atenção fixa que ela exige, muitos leitores podem achar que recusar-se a celebrar ou condenar seus objetos de estudo é, na prática, tanto difícil quanto desconcertante (BEST; MARCUS, 2009, p. 17-18, tradução nossa)¹¹.

Este trecho, no seu próprio exercício de argumentar contra um certo tipo de neutralidade, dá muito a impressão de que o objetivo da leitura de superfície é a defesa de status quo. O trecho citado insinua que pessoas que seguem outras abordagens aos estudos literários frequentemente recusam a leitura de superfície porque são incapazes de alcançar o nível de atenção que ela exige. Os autores então criticam os “adversários”. E insinuem também que o trabalho do crítico ou estudioso de literatura é celebrar ou condenar seus objetos de estudo. Contudo, e se não for nada disso? Há muitas formas de descrever, analisar e expor as questões trabalhadas

envisioning a world in which computers replace literary critics but are curious about one in which we work with them to expand what we do.”

¹¹ No original: “Instead of turning to literature for models of how to overcome constraint, or for a right way to live under capital, or to register the difference between our critical freedom and the limits placed on others, we are interested in how to register the ways that constraints structure existence as much as breaking free of them does. The neutrality of description is thus not neutrality about the constraints themselves, which we may find ourselves moved to deplore, but neutrality about the existences entwined with them, which we would like to be able to recognize without judging. Just as many dismiss surface reading as obvious, but find themselves unable to sustain the slow pace, receptiveness, and fixed attention it requires, many readers might find that to refuse to celebrate or condemn their objects of study is, in practice, both difficult and discomfiting.”

34 Criação & Crítica

na obra, as contradições e soluções simbólicas que ela apresenta, sendo muito atento a seus detalhes e indo muito além do que a simples leitura de superfície parece exigir.

É interessante pensar como esse tipo de teoria lança para longe do horizonte qualquer possibilidade de historicizar a obra literária, de compreender sua relação íntima com seu contexto histórico e com as contradições a que dá figuração. Joga para longe até a relação afetiva com a obra. É o tipo de celebração da superfície que atende aos corolários do pós-modernismo, com sua superficialidade, sua eliminação da dialética entre dentro e fora, de que fala Jameson. Nem quando citam “A carta furtada”, conto de Edgar Allan Poe publicado pela primeira vez em 1945, os autores acertam. O conto só faz uma defesa de uma “leitura de superfície” se o lemos “na superfície”. Uma leitura mais atenta — e, talvez infelizmente para os autores, mais profunda — revela que nem é isso de fato que Dupin faz, e nem é isso que o conto de fato defende.

Contra o contexto

Também advogando uma forma de leitura que questiona modelos interpretativos considerados predominantes na academia, aparece o ensaio “Context stinks!”, da professora da Universidade da Virgínia Rita Felski. O título — que é uma citação de Bruno Latour, referência teórica cara a Felski, e do arquiteto Hem Koolhaas — gera uma expectativa de que sua argumentação adotará uma linguagem passivo-agressiva, o que de alguma forma a leitura do ensaio parece corroborar. Assim como o artigo anterior de Best e Marcus, “Context stinks!” leva o leitor a cair em falácias, além de desenvolver uma argumentação que parece ter como objetivo gerar interesse, curiosidade, mas que, se levada a um rigor crítico sério, na melhor das hipóteses não significa nada de muito novo.

Rita Felski critica o que ela chama de leitura pelo contexto — conceito que vai superficialmente caracterizar —, chegando a ridicularizar tal procedimento por meio de sua linguagem e de seus argumentos. Lido de maneira efetivamente crítica, o texto evidencia um emprego equivocado do termo “contexto”, o que permite julgar como se fossem a mesma coisa uma série de abordagens críticas diferentes. A compreensão extremamente limitada acerca do conceito de contexto que sustenta a argumentação se revela, por exemplo, em afirmações como “Não há, em suma, nenhuma razão intelectual ou prática convincente para que o contexto original permaneça a autoridade final e o último tribunal de apelação” (FELSKI, 2011, p. 581, tradução nossa)¹², na qual ela define contexto como “contexto original”, ou como aquele no qual a obra foi produzida.

¹² No original: “There is, in short, no compelling intellectual or practical reason why original context should remain the final authority and the last court of appeal.”

34 Criação & Crítica

O procedimento que adotaremos aqui será o de apenas levantar e comentar alguns momentos de sua argumentação, só o suficiente para compreendermos a superficialização do debate acadêmico típico das críticas pós-modernas. É importante também perceber que, embora haja semelhanças entre o argumento de Felski e o de Best e Marcus, não se trata aqui da mesma coisa. É uma outra abordagem, uma outra proposta de modo de ler e de interpretar a obra literária. Observemos, para começar, o seguinte trecho:

Que um questionamento do contexto, feito de forma diferente, possa permitir uma maior atenção a tais detalhes é uma das afirmações contra-intuitivas deste ensaio. “Contexto”, para continuar com Latour, “é simplesmente uma maneira de interromper a descrição quando você está cansado ou com preguiça de continuar” (FELSKI, 2011, p. 574, tradução nossa)¹³.

Este trecho apresenta o objetivo do texto, que seria fazer uma discussão mais informada dos benefícios de se ler uma obra sem considerar o contexto. Paralelamente, ilustra a linguagem passivo-agressiva que marca o ensaio como um todo, ao referir-se à leitura apoiada no contexto de modo a ridicularizá-la — o que se depreende da afirmação de que contexto é um jeito de fugir da descrição quando se está cansado ou com preguiça de fazê-la. Vemos aí também a importância de Bruno Latour como base teórica da reflexão apresentada. Ao leitor minimamente atento, talvez já esteja formulada aí uma primeira questão fundamental sobre o argumento apresentado: afinal, o que significa “contexto” dentro do argumento desse ensaio? É de se esperar que um conceito tão fundamental para o texto seja definido com a precisão necessária para que sua argumentação esteja bem fundamentada. Vamos seguir com nossa leitura e observar como — ou se — tal definição é construída.

Um primeiro passo para isso é a referência que a autora faz ao conceito cunhado por Paul Ricoeur (1978) de “hermenêutica da suspeição”, em sua discussão sobre o modelo interpretativo de Freud. Segundo a autora,

A “hermenêutica da suspeição” é o nome usualmente dado a essa técnica de ler textos a contrapelo e nas entrelinhas, de catalogar suas omissões e desnudar suas contradições, de esfregar no [rubbing in] que eles não sabem e não podem representar (FELSKI, 2011, p. 574, tradução nossa)¹⁴.

¹³ No original: “That a questioning of context, done differently, might allow for a greater attention to such details is one of the counterintuitive claims of this essay. ‘Context,’ to continue with Latour, ‘is simply a way of stopping the description when you are tired or too lazy to go on’.”

¹⁴ No original: “The ‘hermeneutics of suspicion’ is the name usually bestowed on this technique of reading texts against the grain and between the lines, of cataloging their omissions and laying bare their contradictions, of rubbing in what they fail to know and cannot represent.”

34 Criação & Crítica

“Rubbing in” é uma forma imprecisa — para dizer o mínimo — aí empregada para referir-se de modo geral aos procedimentos dos modelos de profundidade em geral, como se, para eles, o processo de leitura consistisse em “enfiar” no texto um significado, algo que lhe fosse externo ou alheio. Ou seja, o ensaio define os depth models como formas de ler que atribuem à obra literária significados que talvez não sejam os que ela realmente quer dizer.

Somando-se a isso, mais adiante, a autora afirma que o crítico é alguém que se posiciona como quem sabe mais sobre a obra do que o próprio artista. A frase de Felski dá a entender que há uma competição entre crítico e autor em que este último sempre perde: contudo, no exercício de crítica, não é certo que esteja em questão uma tentativa de provar quem sabe mais sobre a obra.

Em outro ponto do argumento, ela comenta as limitações tanto de leituras que estabelecem relações entre história e obra, dando a entender que este seria um procedimento da leitura pelo contexto que está tentando definir (e atacar), quanto de leituras que ela denomina de novo esteticismo:

Após várias décadas de estudos com orientação histórica, os críticos estão se voltando novamente para questões de estética, beleza e forma, citando as falhas de um historicismo que trata as obras de arte apenas como sintomas culturais de seu próprio momento, como matéria moribunda enterrada no passado. No entanto, esse novo esteticismo visivelmente falha em responder à questão de como os textos ressoam ao longo do tempo. Concentrando-se em dispositivos formais ou na fenomenologia da experiência estética, ele delimita em vez de resolver o problema da temporalidade. Não podemos fechar os olhos para a historicidade das obras de arte e, no entanto, precisamos urgentemente de alternativas para vê-las como transcendentemente atemporais, por um lado, e aprisionadas em seu momento de origem, por outro (FELSKI, 2011, p. 575, tradução nossa)¹⁵.

A autora comenta aqui uma das motivações de sua reflexão nesse texto, que é uma preocupação em explicar o porquê de algumas obras de arte permanecerem tão significativas mesmo muito tempo depois de sua produção — uma questão que, aliás, já foi levantada, por exemplo, por Marx, a respeito da tragédia grega, entre outros pensadores ao longo da história dos estudos literários. Observe que, ao mesmo tempo que ela identifica uma limitação do que chama de novo esteticismo — sua impossibilidade de explicar a persistente importância de obras literárias antigas —, ela

¹⁵ No original: “After several decades of historically oriented scholarship, critics are turning anew to questions of aesthetics, beauty, and form, citing the failings of a historicism that treats works of art only as cultural symptoms of their own moment, as moribund matter buried in the past. Yet this new aestheticism conspicuously fails to answer the question of how texts resonate across time. Focusing on formal devices or the phenomenology of aesthetic experience, it brackets rather than resolves the problem of temporality. We cannot close our eyes to the historicity of artworks, and yet we sorely need alternatives to seeing them as transcendentally timeless on the one hand, and imprisoned in their moment of origin on the other.”

34 Criação & Crítica

também afirma que o problema da postura aí identificada como oposta, o historicismo, falha por ver a obra como mero sintoma de seu momento, ou por aprisioná-la em um passado morto. Contudo, ela não aprofunda a explicação de como isso se dá, não ilustra sua crítica por meio da análise de um exemplo desse tipo de crítica e nem comenta suas possibilidades de superação. Afinal, resta até mesmo a dúvida sobre se sua reiterada inquietação sobre a permanência da importância dos clássicos pode ser respondida por meio do confronto de teorias críticas, pelo menos no nível de superficialidade com que a autora se propõe a comentá-las.

Na sequência, o texto se refere, de um modo que talvez possa ser visto como irônico e até mesmo desrespeitoso, a Walter Benjamin, descrevendo-o como uma “beatific figure”, o santo padroeiro de todos os esquemas de historicização. Tal referência desempenha papel relevante em seu argumento porque nos ajuda a ver que o texto não é só contra um tipo de historicismo mais mecanicista, criticado até pelos materialistas históricos e pelo próprio Benjamin em seu “Sobre alguns temas em Baudelaire” (2000). Assim, é possível identificar que o ensaio está criticando uma ampla gama de modos de leitura que podem ser vistos como “modelos de profundidade” de interpretação, talvez todos eles. O ensaio já citou Freud e o modelo psicanalítico de ler conteúdo manifesto e latente, e aqui cita um importante pensador do materialismo histórico, para quem as relações dialéticas entre literatura e processo sócio-histórico são fundamentais. Assim, nivelando teorias tão diferentes e não aprofundando com seriedade o debate, este não avança de fato e permanece basicamente preso em falácias.

Como parte de sua reiterada crítica a uma perspectiva de leitura mais dialética, o texto traz o seguinte comentário, em si bem pouco dialético:

Quais são as consequências dessa turbulência temporal para os estudos literários e culturais? A desvantagem singular do “conceito de contexto” é que ele nos leva a reiterações infinitas das mesmas dicotomias: texto versus contexto, palavra versus mundo, literatura versus sociedade e história, explicações internalistas versus externalistas de obras de arte. Os estudos literários parecem fadados a oscilar entre esses dois extremos do pêndulo, com lados opostos sem fim e inutilmente refazendo os mesmos argumentos (FELSKI, 2011, p. 576, tradução nossa)¹⁶.

¹⁶ No original: “What are the consequences of this temporal turbulence for literary and cultural studies? The singular disadvantage of the “context concept” is that it inveigles us into endless reiterations of the same dichotomies: text versus context, word versus world, literature versus society and history, internalist versus externalist explanations of works of art. Literary studies seems doomed to swing between these two ends of the pendulum, with opposing sides endless and fruitlessly rehashing the same arguments.”

34 Criação & Crítica

Não é necessário ser um defensor muito ortodoxo de nenhuma teoria crítica que possa, ainda que vagamente, se identificar com o modelo de leitura criticado por Felski, para compreender que uma leitura baseada no “conceito de contexto” não incorre necessariamente nesse tipo de simplificação dicotômica da obra estudada. A autora assume a perspectiva não-dialética do pior tipo de historicismo e toma isso como regra, criando uma falácia como se toda leitura que considere algum tipo de contexto fosse igual, tanto um historicismo mecanicista quanto um depth mode mais relevante, dialético. Talvez seja essa simplificação operada no conceito de contexto que subjaz ao pouco elegante título dado ao ensaio.

O ensaio continua sua crítica:

A dificuldade do contexto, proponho, reside não apenas em seu viés tradicional em relação às origens históricas, mas também nas crenças tácitas sobre agência, causalidade e controle que orientam os atos de contextualização, nos estudos culturais como em outros lugares. O contexto é muitas vezes exercido de forma punitiva para privar a obra de arte de agência, para esvaziá-la de influência ou impacto, tornando-a uma coisa insignificante, enfraquecida e empobrecida. Inflamos o contexto, em suma, para esvaziar o texto; enquanto as condições sociais recém-ampliadas determinam e determinam, a obra de arte pisca e escurece. Por que os produtores ou receptores de cultura recebem poderes tão excepcionais e o texto individual pouco ou nenhum? Quanta luz essas teorias lançam sobre por que as pessoas estão dispostas a dirigir 800 quilômetros para ouvir uma banda tocando uma determinada música, ou passar anos na pós-graduação intrigando com um único romance? A terminologia de “capital cultural”, “indústria de mídia hegemônica” ou “comunidades interpretativas” vai tão longe para esclarecer por que é essa música específica que toca repetidamente em nossas cabeças, por que é Virginia Woolf sozinha que se torna um objeto de obsessão. Explicamos o enigma de nossos apegos invocando determinações veladas e interesses sociais encobertos, enquanto prestamos pouca atenção às maneiras pelas quais os textos podem solicitar nossos afetos, cortejar nossas emoções e alimentar nossas obsessões (FELSKI, 2011, p. 581-582, tradução nossa)¹⁷.

¹⁷ No original: “The difficulty of context, I propose, lies not just in its traditional bias toward historical origins, but also in the tacit beliefs about agency, causality, and control that steer acts of contextualization, in cultural studies as elsewhere. Context is often wielded in punitive fashion to deprive the artwork of agency, to evacuate it of influence or impact, rendering it a puny, enfeebled, impoverished thing. We inflate context, in short, in order to deflate text; while newly magnified social conditions dispose and determine, the artwork flickers and grows dim. Why are the producers or recipients of culture afforded such exceptional powers and the individual text afforded little or none? How much light do such theories shed on why people are willing to drive five hundred miles to hear a band playing a certain song, or spend years in graduate school puzzling over a single novel? The terminology of “cultural capital,” “the hegemonic media industry,” or “interpretive communities” goes only so far in clarifying why it is this particular tune that plays over and over in our heads, why it is Virginia Woolf alone who becomes an object of obsession. We explicate the puzzle of our attachments by invoking veiled determinations and covert social interests, while paying scant attention to the ways in which texts may solicit our affections, court our emotions, and feed our obsessions.”

34 Criação & Crítica

No trecho acima, ela se refere a um repertório de conceitos extraídos de diferentes linhas teóricas: capital cultural, de Pierre Bourdieu; indústria midiática hegemônica, uma mistura de Adorno & Horkheimer com Gramsci, entre outros; comunidades interpretativas, conceito popularizado por Stanley Fish, derivado da teoria reader-response, mas já usado em textos de outras linhas já por volta de 1964. A partir desse levantamento, torna-se certamente evidente que o argumento do ensaio se baseia em falácias, sobretudo ao colocar todas essas linhas crítico-teóricas tão divergentes como se fossem a mesma coisa. São teorias com pressupostos, métodos e aplicações absolutamente diferentes, e os quais simplesmente não são discutidos. Suas possíveis limitações não são demonstradas. Eles são, em vez disso, generalizados de forma superficial.

Essa ideia de a leitura pelo contexto negar à obra a capacidade de agência é uma preocupação da teoria ator-rede de Latour (2012), da qual Felski falará em seguida, em seu texto, ao referir-se à obra como um ator não-humano, conceito fundamental desta teoria de Bruno Latour:

Um ator, nesse esquema, é qualquer coisa que modifique um estado de coisas fazendo uma diferença. Atores não humanos não determinam a realidade ou fazem as coisas acontecerem sozinhos – vamos nos afastar do determinismo tecnológico ou textual. [...] O “ator” na teoria ator-rede não é um sujeito autoritário, um agente independente que convoca ações e orquestra eventos. Em vez disso, os atores só se tornam atores por meio de suas relações com outros fenômenos, como mediadores e tradutores ligados em constelações estendidas de causa e efeito. Atores não humanos, então, ajudam a modificar estados de coisas; são participantes de cadeias de eventos; eles ajudam a moldar os resultados e influenciar as ações (FELSKI, 2011, p. 582-583, tradução nossa)¹⁸.

Este é basicamente um resumo da teoria ator-rede de Bruno Latour. E o texto continua:

As obras de arte só podem sobreviver e prosperar fazendo amigos, criando aliados, atraindo discípulos, incitando apegos, apegando-se a anfitriões receptivos. Para que não desapareçam rapidamente, precisam persuadir as pessoas a pendurá-los nas paredes, assisti-los

¹⁸ No original: “An actor, in this schema, is anything that modifies a state of affairs by making a difference. Nonhuman actors do not determine reality or single-handedly make things happen—let us steer well clear of technological or textual determinism. [...] The “actor” in actor-network theory is not a self-authorizing subject, an independent agent who summons up actions and orchestrates events. Rather, actors only become actors via their relations with other phenomena, as mediators and translators linked in extended constellations of cause and effect. Nonhuman actors, then, help to modify states of affairs; they are participants in chains of events; they help shape outcomes and influence actions.”

34 Criação & Crítica

nos cinemas, comprá-los na Amazon, dissecá-los em resenhas, debatê-los com seus amigos. Essas redes de alianças, relações e traduções são tão vitais para a vida da arte experimental quanto para a ficção de sucesso, mesmo que as redes variem em tipo e o que conta como sucesso pareça radicalmente diferente (FELSKI, 2011, p. 584, tradução nossa)¹⁹.

Assim, é possível compreender que o conceito que ela apresenta como genial e inovador, o de ator não-humano de Latour, pode ser visto como uma adaptação, para o campo da hermenêutica, das relações que se estabelecem nas redes de computadores e na informática. Embasado na lógica das novas tecnologias, tal modo de ler possivelmente tem um potencial a ser explorado. Contudo, uma última pergunta que poderíamos deixar à autora Rita Felski: será que as redes, que evidenciamos ao estabelecer as relações entre os diversos atores dentro de um determinado processo, não podem ser vistas como um tipo de contexto também?

Leitura paranoica e leitura reparativa

Apresentando também uma visão crítica com relação aos modelos hermenêuticos, mas com um viés mais embasado no critério da afetividade, temos o livro *Touching Feeling: Affect, Pedagogy, Performativity*, de Eve Kosofski Sedgwick (2003), uma referência em estudos queer. O capítulo em que vamos centrar nossos comentários aqui é aquele intitulado “Paranoid reading and reparative reading, or you’re so paranoid, you probably think this essay is about you”. O livro foi publicado pela primeira vez em 2002; entretanto, a pesquisadora escreveu boa parte de seus estudos antes disso, durante uma época em que ainda não se sabia tanto sobre a AIDS como se sabe hoje. Ela chega a mencionar, no início do ensaio, que havia teorias de que a doença poderia ter sido “inventada” e disseminada propositalmente. Sedgwick é citada por diversos estudiosos que seguiram nos queer studies e este livro específico é considerado um marco no debate dos estudos de cultura queer. A autora morreu em 2009 de câncer de mama. A doença, que já a acometia quando escreveu seu livro, é mencionada por ela no ensaio, de modo a evidenciar a relação intrínseca que, para ela, existe entre a questão da afetividade e o exercício da crítica.

O ensaio é considerado por alguns como o inaugurador das discussões em torno da era pós-crítica — especialmente por seu julgamento da crítica corrente como cruel e desdenhosa, por sua suposta postura de se colocar como a única capaz de

¹⁹ No original: “Artworks can only survive and thrive by making friends, creating allies, attracting disciples, inciting attachments, latching on to receptive hosts. If they are not to fade quickly from view, they must persuade people to hang them on walls, watch them in movie theaters, purchase them on Amazon, dissect them in reviews, debate them with their friends. These networks of alliances, relations, and translations are just as vital to the life of experimental art as to blockbuster fiction, even if the networks vary in kind and what counts as success looks radically different”.

34 Criação & Crítica

desvendar o sofrimento alheio, como se este exigisse algum desvendamento. A partir de tal concepção, a proposta de Sedgwick é a defesa da leitura reparativa, a qual se opõe ao que ela chama de leitura paranoica por não se colocar em posição de suspeição contra o texto, mas de encontrar nele uma possibilidade positiva de se chegar a um todo e a um conhecimento oferecido pela obra. Em seu texto, o conceito de leitura paranoica é sinônimo ao de hermenêutica da suspeição, que aparece nos textos discutidos anteriormente — o próprio Paul Ricoeur e sua discussão sobre as propostas de leitura e interpretação de Nietzsche, Marx e Freud, são citados no ensaio de Sedgwick. Ela se coloca contra este tipo de leitura por alguns motivos específicos que discutiremos mais adiante, mas um dos principais é que ele seja proposto, segundo ela, como o único modo possível de ler e construir conhecimento. Assim, diferentemente dos textos que comentamos anteriormente, o ensaio agora em tela não propõe uma derrubada da hermenêutica da suspeição, mas uma reavaliação de sua posição, de forma que ela seja entendida como uma forma de ler entre outras.

Sua proposta de leitura reparativa, em tese, apoia-se na sua concepção de que o conhecimento é ação, tem performatividade: ou seja, conhecimento não é apenas algo que é, e sim é algo que faz, que tem efeitos, resultados, que assume posturas; este conceito é discutido ao longo de todo o seu livro, embora nenhum modelo de exercício crítico reparativo seja de fato apresentado.

A autora afirma que, ao longo do tempo, a paranoia se tornou a metodologia das práticas de leitura anti-homofóbicas. Contudo, para Sedgwick, é possível fazer leituras por meio de metodologias não-paranoicas e mesmo assim ser crítico à opressão. Para ela, a leitura queer também precisa se desvencilhar da leitura paranoica e buscar mais o modo de leitura reparativa. De certa forma, o ensaio dá a entender que a forma de leitura preconizada nos depth models é um problema porque ignora ou recusa o caráter afetivo da leitura, fundamental quando se fala em uma atividade humana, como a leitura é. Talvez seja possível refutar este argumento, lembrando-nos de Jameson dizendo, em seu *Inconsciente Político*, que história é aquilo que dói; ou de Benjamin falando da situação do narrador na contemporaneidade com base na experiência dos combatentes da primeira guerra, que voltaram para casa mais pobres e não mais ricos em experiência comunicável; ou mesmo de Adorno e Horkheimer diagnosticando o escárnio das camadas mais pobres diante da arte “pura”. Por isso, o que parece é que tais pensadores tradicionalmente associados aos depth models não estão recusando o âmbito afetivo da relação com a arte e a experiência, apenas não fazem de tais afetos o destino de sua análise.

Em um trecho que encerra um primeiro movimento argumentativo de seu texto, Sedgwick afirma: “O que o conhecimento faz — buscá-lo, tê-lo e expô-lo, receber novamente o conhecimento do que já se sabe? Como, em suma, o

34 Criação & Crítica

conhecimento é performativo e como melhor se move entre suas causas e efeitos (SEDGWICK, 2003, p. 124, tradução nossa)²⁰.

Sedgwick se pergunta sobre qual seria a “utilidade” ou a “função” exercida pelo conhecimento. Esta reflexão parte de uma situação em que ela relata uma conversa que teve com uma amiga, sobre um boato que circulava de que a AIDS teria sido inventada pelo governo. Diante dessa possibilidade, sua amiga teria respondido: “e daí, que diferença faria saber disso?”. Com base nisso, a autora discute seu primeiro ponto que é o de que o conhecimento é ação, tem uma performance: a resposta de sua amiga poderia ser interpretada como “qual performance, qual ação ou qual transformação tal conhecimento sobre a origem real da AIDS causaria?”

Em seguida, ela apresenta sua concepção do que seria a leitura paranoica e seu questionamento a respeito:

Não surpreendentemente, a centralidade metodológica da suspeita para a prática crítica atual envolveu um privilégio concomitante do conceito de paranoia. Nos últimos parágrafos do ensaio de Freud sobre o paranoico Dr. Schreber, há uma discussão sobre o que Freud considera uma “impressionante semelhança” entre o delírio persecutório sistemático de Schreber e a própria teoria de Freud. Freud, de fato, mais tarde generalizaria, notoriamente, que “os delírios dos paranoicos têm uma semelhança externa intragável e parentesco interno com os sistemas de nossos filósofos” – entre os quais ele se incluiu (12:79, 17:271). Apesar de toda a sua astúcia, pode ser verdade que a suposta congruência entre paranoia e teoria fosse intragável para Freud; se assim for, no entanto, não é mais visto como intragável. A articulação de tal congruência pode ter sido inevitável, de qualquer forma; Como observa Ricoeur, “Para Marx, Nietzsche e Freud, a categoria fundamental da consciência é a relação oculto-mostrado ou, se preferir, simulado-manifestado”. [...] Assim, a característica distintiva de Marx, Freud e Nietzsche é a hipótese geral sobre o processo de falsa consciência e o método de decifração. Os dois caminham juntos, pois o homem da suspeita realiza ao contrário o trabalho de falsificação do homem da astúcia”. O homem da suspeita blefando duas vezes o homem da astúcia: nas mãos de pensadores depois de Freud, a paranoia agora candidamente se tornou menos um diagnóstico do que uma prescrição (SEDGWICK, 2003, p. 125, tradução nossa)²¹.

²⁰ No original: “What does knowledge do — the pursuit of it, the having and exposing of it, the receiving again of knowledge of what one already knows? How, in short, is knowledge performative, and how best does one move among its causes and effects?”

²¹ No original: “Not surprisingly, the methodological centrality of suspicion to current critical practice has involved a concomitant privileging of the concept of paranoia. In the last paragraphs of Freud’s essay on the paranoid Dr. Schreber, there is discussion of what Freud considers a “striking similarity” between Schreber’s systematic persecutory delusion and Freud’s own theory. Freud was indeed later to generalize, famously, that “the delusions of paranoiacs have an unpalatable external similarity and internal kinship to the systems of our philosophers”—among whom he included himself (12:79, 17:271). For all his slyness, it may be true that the putative congruence between paranoia and theory was

34 Criação & Crítica

Vemos aí que a principal preocupação de Sedgwick é o fato de que isso que ela chama de “paranoia”, em que o leitor suspeito tapeia a astúcia do escritor, se tornou uma obrigação, uma prescrição, o único modo de ler possível, em vez de uma das posturas críticas possíveis. É explicitada aí também a origem dessa forma de ler, que remonta a Marx, Nietzsche e Freud. Mais adiante, comentando continuadores dos pensamentos desses autores, o texto aponta uma contradição no famoso imperativo de Jameson sobre “Always historicize!”: segundo a autora, é contraditório esse imperativo de Jameson porque nada pode ser menos favorável à historicização de qualquer fenômeno do que o advérbio atemporal “Always”. Ela afirma ainda que isso seria tão contraditório quanto um adesivo dizendo “questione a autoridade”, o qual, se obedecido, o será por alguém que atribuiu autoridade a um mero adesivo.

Diante do questionamento levantado, o texto passa então à delineação da proposta de leitura reparativa:

O maior interesse do conceito de [Melanie] Klein reside, me parece, em ver a posição paranóica sempre no contexto oscilatório de um possível muito diferente: a posição depressiva. Para o bebê ou adulto de Klein, a posição paranóica – compreensivelmente marcada por ódio, inveja e ansiedade – é uma posição de alerta terrível para os perigos representados pelos objetos parciais odiosos e invejosos nos quais se projeta, esculpe e ingere defensivamente. do mundo ao seu redor. Em contraste, a posição depressiva é uma conquista de alívio da ansiedade que a criança ou o adulto apenas algumas vezes, e muitas vezes apenas brevemente, consegue habitar: esta é a posição a partir da qual é possível, por sua vez, usar os próprios recursos para montar ou “reparar” os objetos parciais assassinos em algo como um todo – embora, eu enfatizaria, não necessariamente como qualquer todo preexistente. Uma vez montado de acordo com as próprias especificações, o objeto mais satisfatório está disponível tanto para ser identificado quanto para oferecer nutrição e conforto. Entre os nomes de Klein para o processo reparador está o amor (SEDGWICK, 2003, p. 128, tradução nossa)²².

unpalatable to Freud; if so, however, it is no longer viewed as unpalatable. The articulation of such a congruence may have been inevitable, at any rate; as Ricoeur notes, “For Marx, Nietzsche, and Freud, the fundamental category of consciousness is the relation hidden-shown or, if you prefer, simulated-manifested. [...] Thus the distinguishing characteristic of Marx, Freud, and Nietzsche is the general hypothesis concerning both the process of false consciousness and the method of deciphering. The two go together, since the man of suspicion carries out in reverse the work of falsification of the man of guile”. The man of suspicion double-bluffing the man of guile: in the hands of thinkers after Freud, paranoia has by now candidly become less a diagnosis than a prescription.”

²² No original: “The greatest interest of [Melanie] Klein’s concept lies, it seems to me, in her seeing the paranoid position always in the oscillatory context of a very different possible one: the depressive position. For Klein’s infant or adult, the paranoid position—understandably marked by hatred, envy, and anxiety—is a position of terrible alertness to the dangers posed by the hateful and envious part-objects that one defensively projects into, carves out of, and ingests from the world around one. By contrast, the depressive position is an anxiety-mitigating achievement that the infant or adult only sometimes, and often only briefly, succeeds in inhabiting: this is the position from which it is possible in turn to use one’s

34 Criação & Crítica

Aqui vemos a definição mais clara de Sedgwick para sua proposta de leitura reparativa, a qual se baseia em ideias da psicanalista austríaca Melanie Klein. Segundo esse trecho, a posição depressiva, mais do que a paranoica, é capaz de proporcionar ao sujeito a possibilidade de lidar com os objetos de perigo, possibilitando-o, assim, recuperar um sentido de totalidade, ainda que não seja voltar ao estado de um todo como o que havia antes da situação de perigo ou trauma. Esse novo todo é, portanto, o resultado do processo reparativo. E, para Klein, um dos nomes para tal processo reparativo é amor: ou seja, a partir do amor — e não de uma postura paranoica, como a de alguém que se vê em perigo — é que é possível a interpretação e a compreensão mais perfeitas do objeto (das fraturas, das contradições) sobre o qual a reflexão do sujeito se debruça. Não deixa de ser interessante, contudo, que o conceito de leitura reparativa apoia-se em referencial psicanalítico, quando a própria autora já apontou Freud entre os fundadores de uma forma de ler a linguagem da qual ela discorda.

Em seguida, ela continua sua crítica à “leitura paranoica” apontando seus problemas:

Estou dizendo que as principais razões para questionar as práticas paranoicas são outras que não a possibilidade de que suas suspeitas possam ser delirantes ou simplesmente erradas. Concomitantemente, algumas das principais razões para a prática de estratégias paranoicas podem ser outras que não a possibilidade de elas oferecerem acesso único ao conhecimento verdadeiro. Representam uma forma, entre outras, de buscar, encontrar e organizar o conhecimento. A paranoia sabe algumas coisas bem e outras mal (SEDGWICK, 2003, p. 130, tradução nossa)²³.

Como vemos, o problema não é que a leitura paranoica leve a resultados errados, mas que ela não é a única que permite o acesso ao conhecimento verdadeiro — nesse sentido, a autora é categórica de que esta forma de ler permite que vejamos algumas coisas muito bem, mas tem seus limites. Alguns desses limites ficam claros na sintética discussão que ela faz logo em seguida. Tal exposição evidencia seu esforço de criticar, mas também de compreender o fenômeno da paranoia. Contudo, incorre, embora de maneira bem menos desastrosa, numa generalização muito

own resources to assemble or “repair” the murderous part- objects into something like a whole—though, I would emphasize, not necessarily like any preexisting whole. Once assembled to one’s own specifications, the more satisfying object is available both to be identified with and to offer one nourishment and comfort in turn. Among Klein’s names for the reparative process is love.”

²³ No original: “I am saying that the main reasons for questioning paranoid practices are other than the possibility that their suspicions can be delusional or simply wrong. Concomitantly, some of the main reasons for practicing paranoid strategies may be other than the possibility that they offer unique access to true knowledge. They represent a way, among other ways, of seeking, finding, and organizing knowledge. Paranoia knows some things well and others poorly.”

34 Criação & Crítica

semelhante àquela realizada pelos autores dos textos discutidos anteriormente. Segundo a autora:

- Paranoia é antecipatória: Não gosta de surpresas, precisa lidar com o já dado; a paranoia, devido a sua vigilância, olha sempre unidirecionalmente para frente;
- Paranoia é reflexiva e mimética: Só entende aquilo que consegue imitar e demanda ser imitada para ser compreendida;
- Paranoia é uma teoria forte: É uma teoria do afeto, no sentido de ser uma investigação da humilhação;
- Paranoia é uma teoria de afetos negativos: Porque lida com sentimentos como o de humilhação — miséria, derrota; a reparação só pode ser atingida via um estado de depressão, que é o contrário da paranoia;
- A paranoia deposita sua fé em exposição: a paranoia trabalha com a ideia de que há algo escondido na obra que precisa ser revelado por meio da crítica. Isso lembra o trabalho de Rita Felski, bem como o de Marcus e Best. Sedgwick fala sobre a violência não ser mais escondida, então o contexto cultural que exige uma leitura de suspeição ou paranoica não é mais dado. Ela se refere aos fatos, amplamente conhecidos, de que há: uma população carcerária negra imensa nos EUA; a hipere Exposição de formas de violência; controvérsias sobre os direitos humanos em torno de torturas e desaparecimentos na Argentina e estupros em massa na Bósnia. Em suma, com tais referências ela quer dizer que se a violência é exposta — como os exemplos dados por Marcus e Best — a visibilidade permitida por uma leitura paranoica pode ser não só desnecessária, mas também excessiva.

Esse pensamento é concluído com a citação a seguir: “Outro problema com essas práticas críticas: o que uma hermenêutica da suspeita e da exposição tem a dizer às formações sociais nas quais a própria visibilidade constitui grande parte da violência?” (SEDGWICK, 2003, p. 140, tradução nossa)²⁴. Ela fala sobre a espetacularização de execuções e diversos tipos de punições. A isso, ela pergunta: “Quanto vale agora a habilidade duramente conquistada dos críticos culturais em tornar visíveis, por trás de aparências permissivas, os vestígios ocultos de opressão e perseguição?”²⁵ Ou seja, em um mundo em que há pessoas que são a favor da espetacularização na TV de execuções, quanto vale o trabalho do crítico cultural que pretende enxergar traços escondidos de opressão e perseguição em uma obra de arte? É muito interessante o quanto tal argumento é reiterado ao longo do ensaio.

²⁴ No original: “A further problem with these critical practices: What does a hermeneutics of suspicion and exposure have to say to social formations in which visibility itself constitutes much of the violence?”

²⁵ No original: “What price now the cultural critics’ hard-won skill at making visible, behind permissive appearances, the hidden traces of oppression and persecution?”

34 Criação & Crítica

Também é reiterada a sensação de que a pergunta está colocada de forma equivocada. Se todos os horrores de que fala Sedgwick são tão visíveis, o que dificilmente poderíamos refutar, de que forma podemos explicar que a sociedade ainda não foi tomada por uma rebelião generalizada em prol dos mais humilhados e desvalidos — esses mesmos cujas mazelas são constantemente espetacularizadas, como diz a autora? Será que poderíamos hipotetizar, então, que não é verdade que tal espetacularização revele que a ideologia não exista mais, e sim que ela trabalha hoje para esconder e manter funcionando alguma outra coisa, mais efetivamente essencial para o sistema?

As críticas à leitura paranoica e a proposição da leitura reparativa continuam:

Outra maneira, talvez mais acurada, de descrever o atual consenso paranoico, no entanto, é que, em vez de deslocar inteiramente, pode simplesmente ter exigido uma certa desarticulação, negação e desconhecimento de outras formas de saber, formas menos orientadas para a suspeita, que são sendo praticado, muitas vezes pelos mesmos teóricos e como parte dos mesmos projetos. O programa monopolista do saber paranoico proíbe sistematicamente qualquer recurso explícito a motivos reparadores, tão logo sejam articulados, sujeitos a um desenraizamento metódico. Motivos reparadores, uma vez que se tornam explícitos, são inadmissíveis na teoria paranoica tanto porque são sobre prazer ('meramente estético') quanto porque são francamente melhoradores ('meramente reformistas'). O que torna o prazer e a melhoria tão "simples"? Apenas a exclusividade da fé da paranoia em desmistificar a exposição: apenas sua suposição cruel e desdenhosa de que a única coisa que falta para a revolução global, explosão de papéis de gênero, ou o que quer que seja, é que as pessoas (ou seja, outras pessoas) tenham os efeitos dolorosos de sua opressão, pobreza, ou ilusão suficientemente exacerbada para tornar a dor consciente (como se de outra forma não fosse) e intolerável (como se situações intoleráveis fossem famosas por gerar excelentes soluções) (SEDGWICK, 2003, p. 144, tradução nossa)²⁶.

²⁶ No original: "Another, perhaps more nearly accurate way of describing the present paranoid consensus, however, is that rather than entirely displacing, it may simply have required a certain disarticulation, disavowal, and misrecognition of other ways of knowing, ways less oriented around suspicion, that are actually being practiced, often by the same theorists and as part of the same projects. The monopolistic program of paranoid knowing systematically disallows any explicit recourse to reparative motives, no sooner to be articulated than subject to methodical uprooting. Reparative motives, once they become explicit, are inadmissible in paranoid theory both because they are about pleasure ("merely aesthetic") and because they are frankly ameliorative ("merely reformist"). What makes pleasure and amelioration so "mere"? Only the exclusiveness of paranoia's faith in demystifying exposure: only its cruel and contemptuous assumption that the one thing lacking for global revolution, explosion of gender roles, or whatever, is people's (that is, other people's) having the painful effects of their oppression, poverty, or deludedness sufficiently exacerbated to make the pain conscious (as if otherwise it wouldn't have been) and intolerable (as if intolerable situations were famous for generating excellent solutions)."

34 Criação & Crítica

Nesse trecho, critica-se a hermenêutica da suspeição por ela em geral reprovar outros modos de ler embasados em outras práticas, e frequentemente criticá-los por ter foco meramente estético ou meramente reformista. Segundo o argumento, o monopólio da hermenêutica da suspeição é ruim também pelo fato de que implica que a única coisa que falta para a revolução e a melhora na vida das pessoas acontecerem é que essas pessoas tenham consciência da dor que sofrem e que esta se torne intolerável — como se isso já não fosse um fato desde sempre, segundo ela.

Diante dos obstáculos impostos pela leitura paranoica, a leitura reparativa se apresentaria como uma solução pelos seguintes motivos:

[...] ler a partir de uma posição reparadora é renunciar à determinação paranoica e ansiosa de que nenhum horror, por mais impensável que pareça, chegará ao leitor como novo: para um leitor em posição reparadora, pode parecer realista e necessário experimentar a surpresa. Porque pode haver surpresas terríveis, no entanto, também pode haver boas surpresas. A esperança, muitas vezes uma fratura, até mesmo uma experiência traumática, está entre as energias pelas quais o leitor em posição reparadora tenta organizar os fragmentos e objetos parciais que encontra ou cria. Porque ela tem espaço para perceber que o futuro pode ser diferente do presente, também é possível para ela entreter possibilidades tão profundamente dolorosas, profundamente aliviadoras, eticamente cruciais, como que o passado, por sua vez, poderia ter acontecido de maneira diferente da maneira como foi. realmente fez (SEDGWICK, 2003, p. 146, tradução nossa)²⁷.

Portanto, tornar-se um leitor reparativo exige considerar que se pode experienciar surpresa. Isso implicaria dizer, então, que o leitor orientado por uma perspectiva paranoica nunca tem surpresas, pois já sabe o que vai encontrar em qualquer texto. Poderíamos nos perguntar: será isso mesmo o que acontece?

Do ponto de vista teórico, a possibilidade descrita no trecho acima de se entender o passado como uma construção que poderia ter se dado de outra forma, e o futuro como uma possibilidade e não um dado, pode ser um potencial ganho da leitura reparativa; contudo, isso parece derivar de uma visão positiva previamente dada — lembrando que um dos processos reparativos mencionados por Sedgwick é

²⁷ No original: “to read from a reparative position is to surrender the knowing, anxious paranoid determination that no horror, however apparently unthinkable, shall ever come to the reader as new: to a reparatively positioned reader, it can seem realistic and necessary to experience surprise. Because there can be terrible surprises, however, there can also be good ones. Hope, often a fracturing, even a traumatic thing to experience, is among the energies by which the reparatively positioned reader tries to organize the fragments and part-objects she encounters or creates. Because she has room to realize that the future may be different from the present, it is also possible for her to entertain such profoundly painful, profoundly relieving, ethically crucial possibilities as that the past, in turn, could have happened differently from the way it actually did.”

34 Criação & Crítica

o amor — sobre a sociedade e os objetos de cultura e de estudo. Outra pergunta que podemos nos fazer: seria isso favorável a um exercício verdadeiramente crítico?

Ao concluir seu texto, a autora acaba aproximando, mais do que diferenciando, a leitura paranoica e a reparativa:

Não menos aguda do que uma posição paranoica, não menos realista, não menos ligada a um projeto de sobrevivência, e nem menos nem mais delirante ou fantasmática, a posição de leitura reparadora assume uma gama diferente de afetos, ambições e riscos. O que podemos aprender melhor com essas práticas são, talvez, as muitas maneiras pelas quais os eus e as comunidades conseguem extrair sustento dos objetos de uma cultura – mesmo de uma cultura cujo desejo declarado muitas vezes é não sustentá-los (SEDGWICK, 2003, p. 150-151, tradução nossa)²⁸.

Assim, o próprio ensaio conclui que a posição paranoica e a reparativa compartilham várias semelhanças. Como vemos no trecho acima, elas representam modos em que as pessoas e comunidades têm procurado extrair sustento de objetos de uma cultura, mesmo que essa cultura tenha pretendido frequentemente não os sustentar. A conclusão põe a nu o caráter enfaticamente positivo da teoria crítica de Sedgwick, e talvez indique uma certa ingenuidade na crença de que ela seria uma ferramenta de libertação do sofrimento supostamente revelado por modos de ler paranoicos, em sua percepção, predominantes na academia. Talvez a falta de uma ruptura radical, ou mesmo da apresentação concreta dos possíveis ganhos da leitura reparativa por meio de um exercício crítico, sejam as principais fraquezas de seu argumento.

À guisa de considerações finais

Os ensaios comentados neste estudo são apenas três exemplos dentre muitos outros que poderiam ter sido abordados para apreciarmos facetas do exercício da crítica na contemporaneidade. Propostas semelhantes, que atribuem para a crítica papéis sociais cada vez mais limitados, superficiais e, conseqüentemente, menos relevantes, têm se multiplicado. A provocação que a leitura proposta aqui pretende deixar é precisamente sobre qual pode ser a função da crítica nos dias de hoje, diante de tamanhos desafios figurados nos próprios argumentos dos textos que discutimos. Será que podemos mesmo considerar que não há mais ideologia, e que os

²⁸ No original: “No less acute than a paranoid position, no less realistic, no less attached to a project of survival, and neither less nor more delusional or fantasmatic, the reparative reading position undertakes a different range of affects, ambitions, and risks. What we can best learn from such practices are, perhaps, the many ways selves and communities succeed in extracting sustenance from the objects of a culture—even of a culture whose avowed desire has often been not to sustain them.”

34 Criação & Crítica

significados hoje estão todos evidentes? Será que não há mais a necessidade de expor as diversas contradições da sociedade, da política e da cultura, em sua complexidade? Quais recursos argumentativos temos disponíveis hoje para desenvolver a crítica contra os modos de interpretação dos quais discordamos? E qual é a importância de tal debate? Experiências recentes têm nos mostrado a importância do respeito à prática científica séria, rigorosa e comprometida socialmente. A persistência dos questionamentos contra a produção e a difusão do conhecimento, bem como a persistência de pensamentos e posturas retrógrados, talvez sejam as evidências mais fortes de que, ao que parece, a crítica verdadeiramente empenhada ainda tem muito trabalho a fazer.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas vol. III. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BEST, Stephen; MARCUS, Sharon. "Surface Reading: An Introduction". In: Representations; ; 108, Academic Research Library, p. 1-21, 2009.
- EAGLETON, Terry. Depois da teoria. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- FELSKI, Rita. "Context stinks!" In: New Literary History, v.e 42, n. 4, Autumn 2011, Johns Hopkins University Press, p. 573-591, 2011.
- JAMESON, Fredric. Inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo, Ática, 1992.
- JAMESON, Fredric. Postmodernism or The Cultural Logic of Late Capitalism. Durham: Duke University Press, 1991.
- JAMESON, Fredric. "A lógica cultural do capitalismo tardio". In: Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997, p. 27-79.
- LATOUR, Bruno. Reagregando o Social. Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.
- RICOEUR, Paul. O Conflito das Interpretações – Ensaios de Hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- SEDGWICK, E. Kosofsky. "Paranoid reading and reparative reading, or you're so paranoid, you probably think this essay is about you". In: Touching Feeling: Affect, Pedagogy, Performativity. Durham, NC: Duke University Press, 2003, p. 123-151.
- SONTAG, Susan. Contra a interpretação e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Recebido em: 15/09/2022

Aceito em: 15/12/2022